APLICAÇÃO DA POESIA NO DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE EM LÍNGUA PORTUGUESA

Elisvânia Aparecida Rodrigues Santos (UNINTER)

Resumo: Este artigo discute a aplicabilidade da poesia como forma de promover o desenvolvimento e aprimoramento da língua portuguesa oral, atendendo ao disposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais e com base na experiência vivida no estágio supervisionado nos anos finais do ensino fundamental e nos conceitos da teoria da recepção.

Palavras-chave: Poesia. Oralidade. Literatura. Método Receptivo.

Abstract: This article discusses the applicability of poetry as a means to promote the development and improvement of oral Portuguese language skills, in accordance with the guidelines of the National Curriculum Parameters and based on the experience gained during supervised teaching practice in the final years of elementary education and the concepts of reception theory.

Keywords: Poetry. Orality. Literature. Receptive Method.

1 Introdução

A poesia se tornou tão distante dos interesses da realidade cotidiana, que falar em aplicá-la em sala de aula como forma de promover a oralidade da Língua Portuguesa pode parecer contrassenso no atual contexto de mídias sociais e tecnologias tão em voga atualmente. A questão dá margem à inúmeras discussões.

No período medieval o gênero lírico (a poesia acompanhada da lira) era usado como forma de expressão cultural nos ambientes palacianos, onde o propósito era entreter a nobreza e enaltecer os grandes feitos sociais e as concepções amorosas da época. No mesmo período, “a forma dominante de transmissão e de imposição dos conhecimentos e dos valores [...], que se incorpora aos costumes e ritos, à divisão de tarefas e à tradição, e que suplanta a escrita por longa margem, é a transmissão oral”, de acordo com Petitat (1994, apud Gonçalves, 2012 p. 54). É certo que o processo de evolução da Educação passou por tantas mudanças ao longo dos períodos, e tão variadas concepções de conhecimento foram formuladas, que não cabe aqui, usar a Idade Média, um tempo tão remoto como referência para a prática pedagógica atual.

Interessa, porém, observar que, atualmente, a escola ainda deixa uma grande lacuna na formação do aluno para a prática oral da língua, para a comunicação de forma geral tal como preconiza os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Hoje, a oralidade toma formas diversas e qualquer um a qualquer modo pode ser o multiplicador de conhecimento por meio de vídeos e canais na Internet e nas redes sociais. A escola parece dispensável neste contexto. Não

há uma efetiva preparação do aluno para a expressão oral em português, quer seja visando o meio eletrônico, quer seja para a vida, nas diversas situações cotidianas e/ou para o mercado de trabalho.

Nem sempre o conhecimento oral compartilhado na Internet é de fato útil para a formação ou desenvolvimento humano, e não é raro encontrar postagens que são verdadeiros desserviços à educação de crianças e jovens. Não se trata apenas de relacionar aqui a linguagem apropriada, mas também o conteúdo, o propósito, a mensagem, a racionalização do tema, fatores esses que perpassam direta ou indiretamente pela razão de ser de nossa língua e vão além, pela razão de ser do ser humano.

Se por um lado vivemos esse fenômeno midiático da oralidade, por outro há ainda, no ambiente escolar um gap no que tange às recomendações dos PCN, desde 1998:

> ...utilizar as diferentes linguagens verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação (PCN, 1998, p.7).

A partir da percepção dessa realidade e da vivência dentro do Estágio Supervisionado de Ensino Fundamental, a proposta desse artigo é apresentar e discutir as possibilidades de aplicação da poesia e suas várias faces (música, por exemplo), como estímulo à prática e ao desenvolvimento da oralidade em língua portuguesa, bem como no aprimoramento da percepção do aluno para as diferenças que a língua sofre ao longo do tempo e em suas diversas formas de aplicação.

Como base para essa análise, buscou-se conceitos na teoria da Estética da Recepção de Jauss e no Método Receptivo e sua aplicabilidade em sala de aula. Entre as questões que se pretende responder, está como trabalhar a poesia, gênero textual tão desprezado atualmente, de forma a despertar o interesse e a desinibição do aluno, resgatando a valorização desse gênero, estimulando suas habilidades orais para expressar e comunicar ideias, ao mesmo tempo respeitando as características individuais e o interesse coletivo da classe.

2 Pressupostos teóricos e aplicação em sala de aula

Este artigo se pautou, principalmente, nas orientações dos conceitos apreendidos nos “Parâmetros Curriculares da Língua Portuguesa” (PCN), “Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa”, “Literatura Infantojuvenil” e “Metodologia de Ensino da Literatura”, enfatizando-

se aqui o Método Recepcional, como referência para a aplicação prática do uso do texto literário em verso no desenvolvimento da língua portuguesa oral.

Utilizando-se desses textos-base e de outras leituras complementares, a proposta foi fazer com que o aluno percebesse a riqueza da oralidade como expressão da língua, seguindo um dos objetivos dos PCN (1998) para o terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental:

> ...utilizar a linguagem na escuta e produção de textos orais e na leitura e produção de textos escritos de modo a atender a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos, e considerar as diferentes condições de produção do discurso. (PCN, 1998. p.32)

Além disso, fundamentamos a presente discussão nas percepções, em sala de aula, ao que se refere à poesia e à música e em como esses gêneros textuais repelem ou instigam o interesse de alunos adolescentes, possibilitando atividades diversas, entre elas, as práticas orais para a transmissão de conhecimento e conceitos, trazendo uma nova dinâmica, distante do uso tradicional da leitura e escrita.

De acordo com o método recepcional, baseado na estética da recepção de Jauss e defendido brilhantemente por Bordini e Aguiar, “o leitor é o responsável pela atualização da obra literária, garantindo a historicidade do texto” (Pereira, Cavalcanti e Cabral, 2013, p.19). Partindo-se dessa premissa escolhemos o gênero literário poético como forma de explorar a percepção desse leitor (aluno) e fazê-lo expor suas reflexões, sentimentos, críticas e construções a partir desse texto, principalmente enfatizando-se a expressão oral.

Seguindo-se as etapas do método recepcional, determinando-se o horizonte de expectativas da classe, atendendo a esse horizonte, rompendo e questionando essas expectativas e, por fim, ampliando-se esse horizonte com a proposta da linguagem oral, buscou-se discutir dentro dessa teoria aspectos percebidos na prática docente do estágio supervisionado.

Embora, na prática da aula do estágio supervisionado, o processo desse método tenha sido aplicado na ordem inversa do que é proposto, apresentando-se num primeiro momento textos clássicos que não necessariamente atingiam o horizonte de expectativas da classe, para depois entrar em um universo mais conhecido e aceitável pelos alunos, foi possível perceber claramente a interligação das etapas, e em como o método recepcional se encaixa na proposta do resgate da poesia e da promoção da linguagem oral. Mais ainda pudemos perceber como o método poderia ser aplicado em sequências diversas, causando o mesmo resultado na receptividade e na ampliação do conhecimento.

Se considerarmos que talvez o universo de expectativa dos alunos se baseia em aulas que já tragam um grau de dificuldade ou que entediem pela proposta letiva de discutir os textos clássicos, romper o horizonte de expectativas pode ser, nesse caso, levar os conceitos didáticos do texto para outros textos mais próximos da realidade e do contexto cotidiano, que porventura venham a surpreender pela proximidade com a realidade da turma e pela relação ou origem que possam ter nos cânones e referências tradicionais do passado.

Ao surpreender a expectativa dos alunos, trazendo um terceiro texto (música), inicialmente com nenhuma relação com os dois primeiros textos clássicos apresentados, notou-se o envolvimento maior dos estudantes, a necessidade de expor ideias sobre o novo texto, a desinibição para a colocação de questões. Podemos até dizer que houve aí uma ampliação do horizonte de expectativas, abrindo-se novas possibilidades de atuação, como, por exemplo, a partida para um projeto de estudo dos textos e a possibilidade de recriações em meios digitais.

> ...podemos dizer que o método recepcional tem o leitor como o centro do processo de ensino e aprendizagem. É em torno desse sujeito que se organizam as ações docentes, de maneira que promovam a emancipação do educando, tanto na sua dimensão humana quanto na sua dimensão criativa. (Pereira, Cavalcante E Cabral, 2013, p. 21)

E é a dimensão criativa do aluno que se buscou despertar. O estudo clássico do texto, com suas formas verbais e tipo de linguagem, não foi deixado de lado, mas dentro de um contexto em que o estudante deveria e teria que se expressar verbalmente, quer seja declamando os poemas apresentados, ou expondo opiniões, sensações fazendo críticas e debatendo os mesmos textos e outros que porventura fossem gerados dessas atividades.

2.1 Metodologia

Na aula experimental durante o Estágio Supervisionado para o 7º ano do ensino fundamental, a mera citação da atividade com poesia fez com que os alunos se manifestassem negativamente, desdenhando ou rejeitando inicialmente a aula proposta. A ideia era trazer um mesmo tema em dois textos poéticos de momentos históricos diferentes e contrapor à um terceiro texto atual em forma de música.

Os textos usados como base foram os poemas de Vinícius de Moraes e Olavo Bilac, “Tomara” e “No meio do caminho”, respectivamente. Ambos abordando a temática da “separação”. E o terceiro texto de contraponto foi a música pop da cantora Iza, intitulada “Dona

de Mim”, que remete ao empoderamento feminino e a superação de dificuldades, entre outras questões.

A proposta foi apresentar aos alunos poetas de referência para a história da literatura e da música em Língua Portuguesa, fazê-los perceber a relação entre música e poesia e também a diferença de forma e linguagem entre autores de épocas e perspectivas diferentes. Um representante do Parnasianismo, outro do Modernismo e o terceiro texto de uma cantora contemporânea. A atividade também propiciava discussões em grupos sobre várias vertentes, como questões relacionadas aos relacionamentos, situação da mulher na sociedade no passado e nos tempos atuais, entre outras.

A organização da aula incluía jogo de perguntas e respostas sobre os textos, tanto na compreensão, quanto nas características gramaticais, avaliação dos tempos verbais (matéria que os alunos estavam estudando no momento), declamação das poesias e apresentação da música com a participação dos alunos.

Embora o cálculo de tempo de duas aulas tenha sido insuficiente para a realização de todas as tarefas propostas, os ensaios da aula experimental serviram para demonstrar como uma atividade com poesia, claramente repudiada inicialmente, pôde se transformar em algo interessante e cativar a atenção da turma. Mais que isso, como esse tipo de atividade bem trabalhada pode levar a projetos posteriores que transformem a interpretação dos textos poéticos em formas de promover a desinibição, desenvolver a oralidade na língua portuguesa e fortalecer os laços entre alunos e professor.

Por que poesia? Citamos algumas vantagens: geralmente, são textos curtos, em versos, com ritmo, rimas e com sonoridade. Há construções poéticas nas letras de rap e nas músicas populares, com as quais os adolescentes se identificam, abrindo possibilidades para cantar, declamar, debater e (re)criar, justamente as vertentes que se quer alcançar, num primeiro momento, na abordagem oral da língua. Além disso, há a possibilidade de criar debates a partir dos temas dos poemas trabalhados, como desigualdade social, situação da mulher, representação do amor, entre outros.

Outro motivo tão nobre é voltar a atenção dos jovens para essa forma de arte e cultura popular e resgatar o prestígio que outrora a poesia mantinha, associando a linguagem poética e suas derivações à construção de projetos tecnológicos interessantes como vídeos e blogs para a Internet, que estimulem as práticas da língua portuguesa falada nos mais variados aspectos.

> Compreendemos a poesia como linguagem na sua carga máxima de significado e de reflexão, poesia-pensante, mas também ritmo, dança, música, sentimento, emoção, revolução, poesia que tem função social, poesia de caráter humanizador, ético, capaz de mudar o mundo. (Silva, Jesus., 2011. P 22)

A proposta é trazer a atenção dos jovens para as produções atuais que usem a rima e o ritmo, com as quais eles se identifiquem e que sejam de seu universo de expectativas, de forma que se sintam à vontade para discutir esses temas, apresentá-los oralmente, em grupos ou de forma individual, para então refletirem sobre sua construção, resgatando, com a ajuda do professor, as referências de outros textos do passado, produções artísticas similares e outras construções textuais literárias que tragam o mesmo tema ou temas diversos e opostos, mas que estimulem o aprendizado sobre esse gênero e seus derivados, ampliando seus horizontes de expectativas.

Além de levá-los a reflexão sobre a linguagem e seu significado nas produções, é importante estimulá-los a compreenderem, falarem, reproduzirem e transformarem a expressão oral desses textos, criando outras formas de comunicação. Para viabilizar isso, um recurso a ser utilizado é a gravação das apresentações dos alunos, partindo das próprias sugestões dadas por eles, para serem inseridas em um canal do Youtube, por exemplo, criado para as postagens da turma. Como cita Pereira:

> Sabemos que as crianças e os jovens contemporâneos possuem uma relação muito mais intensa com outras linguagens, sobretudo as midiáticas. A competição entre o texto escrito, inclusive o literário, e essas outras linguagens já foi muito acirrada no ambiente escolar. Atualmente, é crescente a ideia de que é mais produtivo empreender uma conciliação entre os discursos do que colocá-los numa relação competitiva. Assim encadear gêneros textuais diversos parece ser um bom recurso para conseguir que crianças e jovens desenvolvam o interesse por textos escritos e, entre eles, pelos textos literários. (Pereira, Cavalcante, Cabral, 2019, p. 19)

É claro que todo aluno tem suas especificidades, aptidões e inaptidões, e para alguns as atividades que envolvam a oralidade podem ser custosas em um primeiro momento. É preciso achar soluções e meios apropriadas, com respeito às individualidades. Porém, por outro lado, a necessidade de inclusão na turma, o sentimento de pertencimento e os resultados positivos sinalizam para um caminho completamente possível e com boas expectativas para o envolvimento de todos. É preciso trabalhar o entusiasmo dos alunos para o tema e a ação proposta, instigá-los a explorar suas potencialidades criativas, partindo de textos poéticos que abordem temas contemporâneos e de interesse da classe.

Como afirma Batista (2004) em um estudo sobre o resgate da poesia e da oralidade com alunos do ensino médio:

> ...o trabalho com a poesia rompe barreiras de interação verbal, gerando situações de aprendizagem, trazendo o aluno mais próximo ao professor, valorizando os textos poéticos, assim como desenvolve a oralidade na modalidade declamatória, num trabalho consciente, bem elaborado, facilitando a competência comunicativa do aluno. (Batista, 2004, p.21)

Esse tipo de gênero pede por si a oralidade, a declamação, a entonação, o ritmo de fala. É uma porta aberta a outras formas orais, que podem e devem ser construídas. É o primeiro passo para abrir o aluno, principalmente o aluno adolescente, para as práticas da linguagem em diversos contextos, explorando e orientando as práticas do Português falado nas situações formais de uso.

> ...cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la. (PCN, 1998, p. 25)

Falar em público não é algo fácil, até mesmo para aqueles que já estão formados no potencial da língua. Demanda controle de ansiedade, conhecimento do tema, conhecimento do público ao qual se quer atingir, da mensagem e preparação dos recursos que se tem, entre outros. Dentre esses fatores, talvez o mais relevante seja a segurança ao falar. Quanto mais seguro se estiver na proposta da comunicação, sentindo-se pleno no domínio do assunto a ser apresentado ou discutido, mais fácil fica essa tarefa de transmitir a mensagem.

Por isso, acreditamos que os recursos que a poesia oferece, aliada à prática da linguagem oral a partir desse texto em sala de aula, em atividades dinâmicas e controladas, sejam elas declamatórias, expositivas, dialógicas, permitam com que os alunos ganhem, aos poucos, a segurança necessária para que se sintam aptos a outros degraus na escala da aprendizagem oral. Essa preparação é fundamental para o desenvolvimento da linguagem direcionada às variadas situações e públicos no âmbito social.

O aluno precisa receber esse preparo e desenvolver a segurança ainda na escola para que possa potencializar futuramente suas habilidades comunicacionais.

Quebrar a barreira de enxergar a poesia como algo piegas e trazê-la para o centro da discussão, fazer com que os alunos se expressem, declamem, criem recursos para representar os poemas, principalmente utilizando-se das novas tecnologias, recriem seus próprios textos, sejam críticos e exponham sua crítica com argumentos sobre os temas dos textos trabalhados, usando ou não a linguagem teatral, a expressão corporal são formas de promover esse desenvolvimento dos recursos linguísticos.

De acordo com um estudo desenvolvido por alunos do curso de psicologia da universidade de São João Del Rei sobre as dificuldades de se falar em público entre alunos universitários, os primeiros momentos de uma exposição a essa situação são os que mais desencadeiam ansiedade, vencidos esses minutos, os momentos finais de uma apresentação acabam se tornando mais confortáveis aos estudantes.

"O falar em público é um dos desempenhos sociais que mais exigem competência do indivíduo" (Del Prette & Del Prette, 2001, apud ANGÉLICO, BAUTH, ANDRADE, 2018. p. 347). Essa colocação se refere, principalmente a indivíduos adultos, já formados. Então, por que não começar a desenvolver essas competências na escola, eliminando o medo da exposição gradualmente, com atividades que naturalmente exijam a otimização da oralidade, como por exemplo e inicialmente a declamação de uma poesia?

Se todos se sentirem no mesmo patamar de igualdade, e for respeitado o tempo do aluno, o constrangimento inicial gerado pode se transformar em habilidade, à medida que este tipo de texto permite que cada um coloque no poema o seu tom e a sua medida. As primeiras atividades, que exijam a expressão oral podem ser desconfortáveis, mas ao longo da prática e com o ganho de experiência, os alunos tendem a se sentir mais à vontade para a proposta, podendo render até mesmo momentos divertidos e descontraídos.

Fazer com que os alunos percebam essas possibilidades é um direcionamento necessário para as etapas posteriores, que viriam a ser os debates sobre o texto, suas interpretações e estudos mais aprofundados. E ainda as produções dos alunos direcionadas para outros canais e outros públicos. A leitura e a escrita naturalmente permeariam todo o processo de promoção da linguagem oral.

Gomes (2015) explica maneiras de trabalhar essa oralidade e ainda dá o direcionamento de como respeitar a carga linguística que cada aluno traz de sua comunidade:

> Antes de tudo, ao trabalhar a oralidade na sala de aula, é preciso respeitar a variedade de língua do aluno, pois a exposição oral requer alto grau de autoestima. Se o aluno, ao abrir a boca, for criticado ou for motivo de risos,

> poderá ter grandes dificuldades de se expor na frente dos colegas novamente e ainda carregar esse estigma para o resto da vida. (Gomes, 2015, p.161)

A autora sugere que os primeiros trabalhos, entre os alunos mais novos (1º ao 5º ano) sejam realizados em grupos para que sejam preparados para a exposição individual nas séries posteriores. Essa é uma preocupação válida e pertinente. Porém se a escola e os professores, desde cedo acostumam esses mesmos alunos a se expressarem individualmente em atividades variadas, a preparação para a exposição em público é bem mais amena e as chances de que o aluno se sinta constrangido é bem menor.

Gomes expõe algumas formas de atividades (tipos de comunicação oral), citando Vanoye (2003, p., 2012) que podem ser aplicadas visando a oralidade. São elas: o **diálogo**, que demanda o intercâmbio entre dois interlocutores; a **entrevista**, também com dois interlocutores, porém com papéis distintos, o de perguntar e o de responder; a **reunião-discussão**, realizada em grupo com objetivo de se chegar a alguma conclusão; o **brainstorming**, com objetivo de estimular a criatividade do grupo pela produção de ideias; o estudo de caso, atividade em grupo onde uma situação (geralmente dramática) é analisada; a **exposição-participação**, onde os integrantes do grupo pesquisam e interagem sobre determinado assunto; a **exposição oral sem intercâmbio** – teatro, aula, conferência, discurso, que demanda uma atuação individual de cada aluno.

Todas essas sugestões de atividades podem ser exploradas a partir do trabalho com o texto poético e com a música. Além disso, é possível experimentar as diversas expressões que cada aluno é capaz de dar a um mesmo poema, por exemplo.

Uma atividade que pode ser experenciada, por exemplo, de forma lúdica entre os alunos, é a leitura de um poema, ou vários, de acordo com as expressões de cada um, respeitando-se e valorizando a forma como cada estudante empresta sua voz, seu ritmo e sua postura ao texto. Também é válido trocar a leitura com ritmo e entonação por uma similar a de um texto imperativo, impositivo, de forma a fazê-los perceber as diferenças que existem nas expressões orais de diferentes gêneros textuais.

A poesia neste caso funciona como um texto-base para diversas possibilidades de trabalho em sala de aula. As atividades a serem desenvolvidas passam aí pela experiência, percepção e direcionamento do professor,

2.2 Resultados

Ao longo da pesquisa sobre os temas relacionados à aplicação da poesia em sala de aula, oralidade e as metodologias direcionadas ao aprendizado da literatura, percebe-se que há muitos autores e textos que abordam o assunto, muitos dos quais não foi possível a leitura e o estudo de forma aprofundada. Portanto há ainda um universo vasto a ser pesquisado e explorado sobre este assunto.

Como este trabalho não se baseou em um estudo científico com aplicações práticas em sala de aula, mas sim em percepções dos efeitos causados em alunos adolescentes, em um par de aulas, com base em uma atividade que englobou a poesia, a música e a linguagem oral, bem como nos estudos que abordam o tema, reconhecemos que não é possível, neste momento quantificar resultados, apenas apontar caminhos que podem e merecem ser investigados a fundo.

Antes da escrita havia a linguagem oral, por meio da qual era transmitido o conhecimento. Hoje, essa oralidade e o conhecimento partilhado por influenciadores digitais são encontrados aleatoriamente nas diversas mídias: vlogs, canais de vídeos, podcasts, mas ainda assim, não são formalizados na escola. A escola não prepara o aluno para a expressão oral, para os diversos usos que a língua portuguesa possa vir a ter. Cada um acha seu próprio caminho e a maioria nem sequer vislumbra um caminho.

Não há disciplinas que ensinem, por exemplo, a debater, a palestrar, a argumentar racionalmente. Tudo isso cabe ao campo da linguagem, que se resguarda, na maioria das vezes, aos livros, em suas atividades escritas direcionadas e seus temas gramaticais.

O aprendizado, contudo, perpassa pelo interesse, pela vontade de ser ouvido, pela sensação de conquistar território em determinado campo antes desconhecido ou já conhecido, como a língua materna, pela motivação de seguir adiante.

Com base nas leituras realizadas e na observação em sala de aula, vislumbramos com este estudo um possível resgate da poesia como gênero textual para trabalhos na área da linguagem oral.

Percebemos a necessidade do aluno em participar de atividades criativas e agregadoras, atividades que a escola tem negligenciado, embora saibamos que essa negligência se dá, principalmente, pela necessidade do controle de sala e por diversos outros problemas que permeiam a educação e a tarefa de educar.

A poesia e a música instigam para possibilidades agregadoras, enriquecem vocabulários, permitem a leitura oral, a manifestação declamatória, os debates de opinião, as manifestações artísticas, as releituras críticas, as construções orais em outras mídias. Em suma, depende do seu leitor, daquele que a recebe.

> *O texto literário é formado por uma junção de seres, lugares, tempos e objetos, que o autor interpreta como uma visão própria, emprestando-lhes uma nova significação. Dessa forma o seu estudo não pode prescindir de uma postura diferenciada, que o considere como resultado de uma produção intelectual e livre, que necessita, portanto, ser tratado artisticamente.* (Pereira, Cavalcante E Cabral, 2013, p. 129)

O método recepcional, discutido por diversos autores no aprendizado da literatura é uma saída para a assimilação dessa nova forma do aprender e mais ainda para a criação de novas formas de metodologia para o desenvolvimento e aprimoramento da língua portuguesa oral.

A poesia, por sua vez, com toda carga emotiva, seja ela musicada ou não, já foi instrumento histórico, cultural, de protesto, bandeira de gerações inteiras, além, é claro, da mais genuína expressão humana, íntima e pessoal.

> ...a poesia nasceu essencialmente voz musicada, na Grécia Antiga, manteve de forma incisiva a preponderância da oralidade durante toda a Idade Média, para depois tornar-se entidade própria e revisitar a musicalidade em períodos vários até encontrar no Simbolismo o berço fértil para um reencontro musical e na MPB um retorno aos cantadores, com os trovadores modernos. (Galindo, 2014, p.89)

O uso desse gênero em sala de aula se restringiu nos últimos tempos apenas às leituras e interpretações nas aulas de literatura e atividades esparsas propostas nos livros didáticos. Mas o potencial desse tipo de texto é maior que o uso que se faz dele didaticamente.

A poesia pede a fala, a música pede a voz, ambas despertam emoções e desejos de expressão. São construções textuais apropriadas para uma mudança de enfoque nas práticas em sala de aula, que priorizam a língua escrita em detrimento da língua falada. Não se trata de prescindir, é claro, do texto no papel e das aplicações formais do português.

É preciso apenas que o professor identifique os caminhos possíveis, de acordo com o perfil dos alunos, e insira aos poucos essas atividades, não necessariamente nas aulas de literatura, mas nas aulas de português em geral. Assim, como afirma Kirchof, Souza e Pereira, referindo-se à leitura, algumas considerações devem também ser levadas em conta para as aplicações de uma pedagogia que vise o desenvolvimento da linguagem oral:

> O estabelecimento de uma pedagogia da leitura necessita passar por algumas etapas: primeiramente, o professor precisa saber quem é o seu aluno, para tanto deve indagar sobre seu ambiente familiar, o tipo de leitura preferida, frequência com que lê, autores favoritos, como vê a poesia (pode ser através de letras de música), como gostaria que fossem suas aulas de literatura, que relação percebe entre livros, leitura e literatura, entre outros aspectos que possa considerar relevantes. (Zinani e Santos, 2004, apud Kirchof, Souza, Pereira, 2013, p. 53)

Reconhecemos que não é uma tarefa fácil, mas acreditamos que é algo possível. Os adolescentes trazem naturalmente em si o desejo da fala, de se afirmarem como sujeitos perante os amigos e a sociedade. Porém quando são intimados a saírem de suas zonas de conforto, do seu português carregado de gírias, de sua linguagem cotidiana, eles se sentem intimidados, acuados. Mas quando atravessam essa barreira, por meio de resultados positivos e participativos em propostas inovadoras, descobrem que são capazes de usar outras formas de linguagem e serem aceitos, admirados, reconhecidos. Isso pode abrir novos horizontes.

Ajudar o outro a se expressar, respeitando sua individualidade e o uso que faz de sua língua materna é diminuir os preconceitos linguísticos, preparar para a vida e para a sociedade, minimizar conflitos, promover o crescimento humano e amenizar as diferenças de classe. O professor tem por obrigação ser o iniciador desse processo.

As ferramentas necessárias podem estar nos exemplos do passado, de como em outros tempos a oralidade e a poesia como expressão desta eram significativas para a transmissão do conhecimento e a conquista do respeito dentro de uma sociedade. Não necessariamente, limitamos o desenvolvimento de habilidades na linguagem oral ao exclusivo uso desse gênero textual, mas partimos desse gênero para a conquista de novas searas dentro da educação.

A fala é uma das mais poderosas e importantes habilidades humanas e por meio dela é possível inúmeros modos de comunicação, que devem ser aprimorados ao longo da vida, passando pela família, pela comunidade, pela escola.

De acordo com Gomes (2015), diversos fatores podem interferir na maneira como os falantes de comunicam, como ritmo, entonação vocal, segurança, adequação ao interlocutor, adequação ao contexto e linguagem corporal. Mas a autora também acredita que é possível aprender a falar:

> Assim como afirmamos que se pode aprender a escutar, pode-se também a aprender a falar corretamente. Mas falar corretamente não significa usar as regras gramaticais da língua padrão, como, em geral, nos temos aprendido e ensinado ao longo do tempo nas aulas de língua portuguesa. (Gomes, 2015, p. 122)

O falar corretamente passa aqui por caminhos alheios ao falar formalmente dentro de regras gramaticais rígidas. É preciso considerar fatores dentro de um determinado contexto para então avaliar o valor da comunicação. Esses são temas que merecem estudos particularizados.

O que se quer mostrar aqui é que, antes de mais nada, é preciso captar a atenção do aluno, comprometer sua fala durante as aulas, ganhar sua expressão individualizada, para então levá-lo adiante na racionalização dos temas tratados, das questões apresentadas, e nada melhor do que começar com melodia, com inspiração, nada melhor que poesia para suavizar uma educação que exige tanto e ao mesmo tempo tão pouco de seus educandos.

3 Considerações finais

Este trabalho não se finda em si. Há um universo a ser explorado sobre a aplicação da poesia para o desenvolvimento da oralidade. É apenas a indicação de um caminho possível que se vislumbrou durante uma prática pedagógica. Há outras possibilidades, mas é fundamental levar esses estudos mais adiante.

Os assuntos tratados aqui são o princípio de uma discussão que pode e deve considerar novas vertentes. Há agora a necessidade da pesquisa de fato em sala de aula, da aplicação de atividades desenvolvidas e programadas para este tipo de prática pedagógica e da quantificação de seus resultados e produções.

O desenvolvimento de uma linguagem oral ideal, apropriada para todas as situações é algo difícil de ser medido e quantificado, mas, assim como os vários ‘falares’ é possível de ser percebido. Achar formas de qualificar esse desenvolvimento é um passo a mais nessa trajetória.

A língua pode ser moldada para cada objetivo específico e, por meio de atividades com textos poéticos, é possível experimentar maneiras de aplicar esses conceitos e de verificar e controlar seus resultados, trabalho que suponho ser adequado para etapas superiores, como uma tese de mestrado, por exemplo.

Por hora é necessário apenas se abster a apontar direções que às vezes são relegadas, esquecidas e julgadas como ultrapassadas pela educação atual.

Outro caminho possível aberto por meio desse estudo é a vertente das novas tecnologias e como elas podem auxiliar no processo de construção de uma linguagem oral mais aprimorada e como conciliar essas novas ferramentas ao aprendizado dentro de sala de aula. Uma pesquisa direcionada para esta vertente pode, por exemplo, investigar, os resultados da criação de um canal de literatura pelos alunos e sua repercussão na comunidade escolar.

Por meio desse estudo, pode-se criar inúmeras atividades práticas que seriam interessantes e pertinentes para estudos complementares posteriores, além de instigantes em suas formas de aplicação em sala de aula. Nem todas descritas dentro dessa experiência.

É inegável que está nas mãos do professor trabalhar aquilo que é o melhor para seu aluno. É ele quem vai perceber a atividade mais adequada e estimulante ao aprendizado, mas novos estudos sobre a oralidade podem ser aliados nesse processo e dignos de experiências. Também é importante que o professor não se esqueça do poder da criatividade, da razão e da emoção e como estas habilidades podem ser desenvolvidas diariamente. Este estudo partiu da proposta de apontar um caminho possível e alcançou de certa forma seu objetivo, mesmo que talvez demande outros estudos complementares. Resta agora trilhar o caminho da investigação e esperar que a evolução da educação possa nos dar as respostas do que queremos descobrir.

Referências

ANGÉLICO, Antônio Paulo; BAUTH, Murilo Freitas; ANDRADE, Arthur Kelles. **Estudo Experimental do Falar em Público com e sem Plateia em Universitários**. Psico USF, nº 2, p 347/359 abril/junho 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v23n2/2175-3563-pusf-23-02-347.pdf>. Acesso em: 13 de jan. 2020.

BATISTA, Coleta Vieira. **O resgate da poesia e da oralidade na modalidade declamatória.** 2004. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/16-4.pdf>. Acesso em: 13 de jan. 2020.

CABRAL, Sara Regina Scotta; CAVALCANTE, Moema; PEREIRA, Maria Eliza Matos. **Metodologia de Ensino da Literatura**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

GALINDO, Cláudia Sabbag Ozawa. **Literatura e Oralidade: Da Poesia Cantada à Poesia da Canção**. Boitatá – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da Anpoll. Londrina, n. 18, jul-dez 2014. Disponível em: <http://revistaboitata.portaldepoeticasorais.inf.br/site/arquivos/revistas/1/Artigo%204%20Cl_udia.pdf>. Acesso em: 13 de jan. 2020.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do ensino de língua portuguesa**. 2ª edição. Curitiba: Intersaberes, 2015.

GONÇALVES, Nádia Goiofatto. **Constituição Histórica da Educação no Brasil.** Curitiba: Intersaberes, 2012.

KIRCHOF, Edgar Roberto; SOUZA, Luana Soares de; PEREIRA, Maria Elisa Matos. **Literatura Infantojuvenil**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Brasília. MEC/SEF, 1998.

SILVA, Eliseu Ferreira; JESUS, Wellington Gomes. **Como e por que trabalhar com a poesia na sala de aula.** Revista Graduando, nº 2. Jan/Jun 2011. Disponível em: <http://www2.uefs.br/dla/graduando/n2/n2.21-34.pdf>. Acesso em: 13 de jan. 2020.

TREMBA, Gabriela Bastos Cordeiro. **O Método Recepcional como fio condutor do ensino de língua portuguesa e literatura.** Curitiba. 2015. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/9470/1/CT_COLET_2015_2_06.pdf>. Acesso em: 13 de jan. 2020.